

Clube de trocas com moeda social: Uma alternativa para construir relações solidárias e estimular o fluxo econômico local em comunidades de baixa renda

Adriane Vieira Ferrarini¹

Resumo:

O artigo retrata uma experiência-piloto de implementação de clube de troca com moeda social no bairro Guajuviras, em Canoas, no Estado do Rio Grande de Sul - Brasil. O clube de troca é um instrumento capaz de fortalecer o desenvolvimento local em comunidades de baixa renda através da construção de relações solidárias e do estímulo do fluxo econômico local. A experiência é produto de um trabalho conjunto entre órgãos do Governo do Estado, a Sociedade Alemã de Cooperação Técnica (GTZ), organizações não-governamentais, prefeituras e lideranças comunitárias, constituindo-se num marco de referência. Ao longo de dois anos, vem demonstrando a importância de aliar a dimensão econômica à social, política e humana, na perspectiva de um desenvolvimento integrado e socialmente justo.

Palavras-chave: solidariedade, clube de troca, moeda social, desenvolvimento local.

Abstract:

The article illustrates a pilot project implementing an exchange club with social money in the Guajuviras district of Canoas, Rio Grande do Sul State. The exchange club is an instrument capable of strengthening local development in low-income communities through the building of solid relationships and stimulating the local economic flux. The experiment is a product of a joint effort between departments of the State Government, the German Technical Cooperation Society, non-governmental organisations, town hall and community leaders constituting a point of reference. Throughout two years, it comes demonstrating the importance to unite the economic dimension to the social one, politics and human being, in the perspective of an integrated development and socially just.

Word-key: solidarity, exchange club, social money, local development.

¹ Assistente social, mestre em Serviço Social pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e doutoranda em Sociologia na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Especialização em Terapia Familiar e Comunitária. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNISINOS.

Introdução

O debate sobre alternativas de desenvolvimento econômico local vem sendo crescentemente ampliado porque nem o Estado nem as políticas públicas têm conseguido responder à pobreza e à exclusão social de grandes contingentes populacionais. Amplia-se também o envolvimento da sociedade civil organizada na criação de alternativas econômicas, em parceria com outros atores sociais.

Para o desenvolvimento local, a dimensão econômica não é a única a ser considerada. As tentativas de explicar e de intervir na realidade social a partir dos movimentos ocorridos numa chamada base econômica vêm mostrando suas inconsistências. Segundo Franco (2001), as sociedades têm grandes dificuldades para se expandir economicamente sem atingir certo nível de desenvolvimento social.

A necessidade de integrar desenvolvimento econômico e social faz com que as alternativas de desenvolvimento local insiram-se no campo da economia popular solidária. Em outras palavras, precisam ser capazes de promover a ativação ou *empowerment*, não apenas de capitais econômicos, mas também capitais² sociais, políticos e humanos.

O clube de troca com moeda social é uma destas experiências. O artigo tem o objetivo de apresentá-lo como um instrumento que, aliado a outras experiências da economia solidária e metodologias participativas de desenvolvimento local, tem a capacidade de fortalecer relações solidárias e estimular o fluxo econômico local em áreas urbanas de baixa renda. Inicialmente, são trazidos alguns elementos históricos, conceituais e metodológicos. A seguir, é relatada a experiência pioneira no estado do Rio Grande do Sul, no Bairro Guajuviras e, por fim, serão apontados alguns limites e possibilidades.

Clube de troca com moeda social: o ressurgimento de uma velha prática

O ser humano dedica-se a atividades de comércio desde épocas remotas, sendo as trocas a primeira forma conhecida. Troca ou escambo é a forma de intercambiar produtos ou serviços diretamente, sem a utilização de dinheiro. Suas principais limitações ocorrem em duas situações: quando o interesse pela

² O uso da terminologia “capital” para referir-se a dimensões que não são econômicas tem sido amplamente debatido, pois parece contraditório tentar recuperar a dimensão social ou política do desenvolvimento econômico que o capitalismo separou, usando o próprio termo capital. Contudo, relatos de membros de cooperativas de Mondragon, por exemplo, afirmam que, na prática, a sua utilização é necessária para que se possa estar incluído numa nomenclatura utilizada fora do meio acadêmico e pelos indicadores que ela possibilita construir. Isso é importante até mesmo para as pesquisas comparativas com empreendimentos capitalistas. “Não queremos criar um processo de auto-exclusão”, é o que dizem.

troca é unilateral ou quando os valores não são equivalentes. A moeda surgiu para regular estas transações.

As comunidades empobrecidas, localizadas nas periferias das grandes cidades, expressam verdadeiros desertos monetários. Para Arkel (2002) significa que o dinheiro e o capital saem de circulação local na produção, no consumo e na comercialização; a comunidade fica sem condições de trocar e se desenvolver. Não se torna interessante investir e constituir empreendimentos no local. As diferentes razões de drenagem de dinheiro se fortalecem mutuamente.

Muitos moradores dessas comunidades, mesmo tendo capacidade produtiva e desejando exercê-la, estão expostos a condições de pobreza porque não têm acesso ao emprego e à moeda formais. Uma das alternativas para ativar a economia é criar na comunidade uma circulação local através de moeda local ou social, baseada nas capacidades existentes e ligada à lógica produtiva e não especulativa (sem juros).

A troca solidária, feita de forma organizada, é uma alternativa recente. “Um clube de troca é uma união voluntária de cidadãos e cidadãs que estabelecem um intercâmbio econômico usando uma moeda local ou social, criada e gerida por eles próprios.” (Euclides Mance³, 2003, p.135)

Em todos os lugares, começaram num pequeno grupo de pessoas, que muitas vezes foram amigos, vizinhos ou tiveram outro vínculo. Os grupos cresceram rapidamente e formaram novos grupos, até integrar uma rede maior, como é o caso da RedLases (Rede Latinoamericana de Socioeconomia Solidária) na Argentina.

A Argentina hoje é um dos exemplos mais referenciados como experiências exitosas ao aplicar moedas locais para estimular o desenvolvimento econômico de comunidades locais. O primeiro clube de trocas nasceu em Bernal, Província de Buenos Aires, em 1º de maio de 1995. Na segunda metade de 2001, já existia um número superior a 1000 clubes e cerca de 450.000 sócios ativos, que ocorrem a mais de uma feira semanal.

Os clubes de troca na Argentina são grupos, na média, de 50 a 70 pessoas, que se reúnem periodicamente para a troca. O modelo teve tanto sucesso que vários governos de províncias deram apoio para a formação de novos grupos. Desde a crise argentina no final de 2001, o chamado “corralito”, esses clubes cresceram de tal forma que, em poucas semanas, chegaram a mais do que 3.000 clubes com aproximadamente um milhão de sócios.

³ Sistematizações de suas próprias elaborações, bem como de elaborações de Heloísa Primavera, Dídac Costa e da Rede de Troca 13 Luas.

A organização das trocas no Brasil foi iniciada no ano de 1991 e inspirou-se no modelo francês que promove as trocas de saber. A partir de 1998 foram acrescentadas as trocas de produtos e serviços, com base no modelo argentino.

Existem características que distinguem os clubes de troca de outras experiências econômicas que vêm sendo desenvolvidas na sociedade capitalista hoje e que transformaram esta antiga prática em algo inovador, instigante e, mesmo, polêmico.

Os clubes de troca são baseados em princípios éticos de solidariedade e a participação é voluntária. Cada sócio é *prosumidor*, que significa ser produtor e consumidor ao mesmo tempo. Não podem consumir sem produzir ou vice-versa. Isto faz com que todos sejam iguais. São intercambiados produtos, serviços e conhecimentos. As trocas são normalmente realizadas durante as feiras do clube, que acontecem uma vez por semana em data estabelecida. Não é utilizado dinheiro para as transações somente a própria moeda local. A moeda social ou local agiliza as trocas, não pode ser acumulada nem utilizada fora do grupo; somente tem valor dentro do grupo e entre os diversos grupos de troca. Quando os sócios acumulam certa quantidade de crédito para obterem um serviço de maior valor (por exemplo, tratamento dentário), é preciso que o coordenador explique que a base de funcionamento é a confiança e que reter muitos créditos prejudica o conjunto, sendo necessário estabelecer pagamentos semanais. O mecanismo redistributivo das trocas solidárias implica que os valores de alguns produtos ou serviços sejam corrigidos para baixo (por exemplo, serviços médicos) e outros ligeiramente incrementados em seu valor em moeda social (por exemplo, quando agregam valor em mão-de-obra artesanal que é pouco valorizada no mercado).

Ao contrário do que acontece no mercado formal, nas trocas solidárias não é necessário que as contas fechem, mas que as necessidades sejam satisfeitas em condições de solidariedade, do desenvolvimento da habilidade empreendedora e da responsabilidade que cada membro tem sobre sua comunidade. É necessário um câmbio de atitude, de paradigma. (Redelases, 2002, p.6)

O Troca-troca do Bairro Guajuviras⁴: a experiência pioneira no Rio Grande do Sul

Em 2001 foi iniciado um trabalho piloto no Rio Grande do Sul através do Projeto de Cooperação Técnica PRORENDA - Promoção do Desenvolvimento Local Sustentável, numa parceria entre o Governo do Rio Grande do Sul e o Governo Alemão através da GTZ. O objetivo era fortalecer as relações sociais e

⁴ Muitos dados relativos à experiência desenvolvida no Guajuviras foram retirados de relatórios da GTZ, entidade gestora do processo, que foram sistematizados no artigo de Jutta Barth (2002).

a solidariedade em comunidades locais e, com isso, contribuir para a qualidade do processo do desenvolvimento local através de novos instrumentos que estimulassem o desenvolvimento econômico local.

O Projeto PRORENDA assessorou a Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (METROPLAN) na implementação do Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PIRAD). O PIRAD utilizou metodologias participativas de diagnóstico e planejamento participativo, que promoveram a integração entre vários atores que atuaram no local e a capacitação para lideranças comunitárias.

O bairro Guajuviras foi a primeira localidade em que foi implementado um clube de trocas. É um bairro com aproximadamente 70.000 habitantes, uma das áreas mais pobres do município de Canoas. O município tem 300.000 habitantes e situa-se na região metropolitana de Porto Alegre. A constituição do bairro teve início nos anos 80 com a construção de prédios da COHAB (Cooperativa Habitacional) que foram ocupados por pessoas sem moradia. A comunidade tem identidade própria e um certo grau de organização devido às lutas e conquistas obtidas no passado.

Em 2001, doze organizações comunitárias do bairro formaram o Núcleo Comunitário de Desenvolvimento (NCD) do Guajuviras. O NCD era um elemento essencial do PIRAD: discutia a situação do seu bairro, elaborava propostas de melhorias para serem apresentadas no Orçamento Participativo Estadual e implementava atividades diversas. Ao longo dos debates, a geração de trabalho e renda mostrou-se como uma das principais preocupações da comunidade.

Em outubro e novembro de 2001, os técnicos da METROPLAN e da GTZ reuniram-se com os representantes do NCD do bairro Guajuviras para discutir formas alternativas para estimular o fluxo econômico local. Inicialmente, a comunidade reivindicou o apoio técnico e financeiro para as cooperativas recém-formadas, mas algumas lideranças achavam interessante a idéia de formar um clube de troca por não implicar em grandes recursos financeiros para o seu início, por ser uma forma fácil, rápida e sustentável para iniciar algo que contribuísse na renda familiar e por estimular a convivência comunitária. O grupo acabou optando pela formação do clube de troca.

A falta de senso comunitário e de solidariedade foi mencionada pelas lideranças como um grande obstáculo para o início de processos de desenvolvimento local autogestionados como este. Normalmente surgem pessoas que começam a liderar o processo de constituição do grupo.

Com a assessoria de Heloísa Primavera, uma das fundadoras dos clubes de troca na Argentina, teve início um processo de treinamento e multiplicação da metodologia para os atores envolvidos no

Projeto: representantes de organizações não-governamentais, lideranças comunitárias, representantes de prefeituras e interessados na temática. O Programa da Alfabetização Econômica (PAE)⁵ define os papéis mínimos para cada feira a partir de princípios orientadores. Cada pessoa tem condições de exercer cada função de acordo com sua personalidade e com a afinidade, mas deve também conhecer e exercer as outras. É importante a rotatividade nas tarefas. Na hora de exercer a função, a pessoa deve ter plena responsabilidade e autoridade para fazê-lo. Posteriormente, o grupo avalia o desempenho das pessoas e as ajuda a melhorar no que for necessário. É importante que as regras do funcionamento sejam estabelecidas por cada grupo, como também é o grupo que incentiva e controla o comportamento solidário dos seus sócios.

No início, o grupo de coordenadores preocupou-se, principalmente, com a estratégia de mobilização dos moradores, com a definição da moeda social e com a logística (local, material, preparativo, etc). Foram distribuídos convites e cartazes para chamar a atenção da comunidade. Isso foi importante para dar início às atividades e mostrar que funcionava. Com este “efeito demonstrativo”, o grupo conseguiu chamar a atenção e formar o núcleo de sócios. Foi um grupo fixo de quatro lideranças que assumiu as tarefas de preparação e de execução das feiras.

No final de dezembro de 2001, as lideranças comunitárias convidaram os moradores para a primeira feira do clube de troca, que foi chamado de “Troca-Troca”. A moeda social foi batizada pelo nome de *Guajuviras*. A feira foi realizada num sábado à tarde na Paróquia da Igreja Nossa Senhora Aparecida. Apareceram quinze pessoas que, em sua maioria, ouviram falar desta iniciativa pelos outros integrantes do grupo.

A atividade da feira, em si, não demora mais do que três horas. Começa com a apresentação de todos os participantes, a explicação do funcionamento e um levantamento sobre os produtos e serviços oferecidos e demandados. É importante realizar o exercício de “reinventar o mercado” antes de todas as feiras, ainda que pareça repetitivo. Neste exercício as pessoas dizem o que oferecem, o que mais sabem fazer, saberes que podem compartilhar, as suas necessidades e as raridades que ainda não encontrou e que gostaria de encontrar na feira. Surgem novas oportunidades de conectar demanda e oferta e de descobrir habilidades. Em seguida, são feitas a distribuição da moeda, a definição do preço, a organização do espaço

⁵ Desenvolvido pelos fundadores dos clubes de trocas na Argentina. Trabalha com uma técnica denominada Dinâmica Grupal Explícita, que consiste em dividir as tarefas de condução do grupo entre os participantes por períodos relativamente curtos, com rodízio na condução. As tarefas são as seguintes: animador, recepcionista, cronometrista, monitor de qualidade, detector de jogos triádicos (observa o grupo para que os participantes comecem a aceitar o poder como um jogo) e EPS (destaca condutas empreendedoras, políticas e solidárias para estimular o exercício destas capacidades).

e a realização das trocas, que duram aproximadamente quarenta minutos. No final, é feita uma avaliação entre todos os participantes.

Na feira, cada sócio é registrado pelos coordenadores eleitos pelo grupo e recebe, inicialmente, 20 *Guajuviras*, valor estabelecido como adequado para todos terem condições de produzir e oferecer produtos. É ainda um valor baixo, mas pode ser aumentado quando o grupo entender oportuno. O grupo registra, no final da feira, quantos *Guajuviras* cada sócio tem e fecha o balanço. As moedas são guardadas até a próxima feira, quando o participante recebe seu saldo da última feira.

Os produtos e serviços oferecidos são variados: artesanato, roupa e sapatos usados, bolachas e pão caseiro, mudas, revistas e livros, frutas, refrigerante caseiro, desenhos infantis, corte de cabelo, sabonete, velas, depilação, massas caseiras, pintura, carpintaria, serviços de enfermagem, limpeza de pele, massagens, costura, entre outros.

No decorrer das feiras⁶, dois processos mostraram-se relevantes e que se constituem em desafios a serem superados para a consolidação futura do clube de troca. Em primeiro lugar, a centralização das tarefas de condução da feira em algumas lideranças, limitando a sua participação como *prosumidores*. Daí a necessidade de desenvolvimento da gestão participativa e da responsabilização de todos pelo processo.

Em segundo lugar, foi observada uma dificuldade comum em clubes de troca, que é a falta de diversidade dos produtos e serviços oferecidos. As pessoas oferecem o que é mais óbvio (por exemplo, roupa usada porque está à disposição; alimentos ou artesanato porque são atividades diárias das mulheres que são a maioria nos clubes de troca). “*Estávamos com medo que virasse um brechó.*” (Lu), afirmou uma das coordenadoras. A falta de produtos primários levou o grupo coordenador a tomar a iniciativa de buscar verduras e frutas a baixo custo para levar para a feira, já que faltavam qualificação e área física para a produção primária na comunidade.

No final de 2002 houve mudança do partido político no Governo do Estado e um período de indefinições com relação à forma de apoio. No início de 2003 o grupo começou a vivenciar conflitos relacionados à forma centralizada de gestão e de exercício do poder. O grupo coordenador era formado por cinco mulheres e um homem e já havia decidido criar um novo clube de troca em outro local dentro do bairro Guajuviras porque tinha a demanda por parte dos moradores.

Segundo relato do grupo coordenador, o homem que fazia parte da coordenação “*lançou sozinho o Troca-troca 2. Lá não tem rotatividade de coordenação.*” (L.) Os moradores da comunidade que

⁶ As transcrições em itálico, a seguir, são trechos de falas das quatro mulheres coordenadoras do Troca-troca, coletadas em janeiro de 2004 em reuniões e entrevista grupal.

participam afirmam que o portão é trancado para as pessoas não saírem enquanto não terminar. O grupo que permaneceu refere que é uma dificuldade a superação de formas autoritárias e hierárquicas de exercício da liderança e a aceitação da rotatividade. Refere também que a divergência iniciou porque queriam fazer oficinas para a formação de novas lideranças e descentralizar a gestão. *“O clube de troca tem líder, mas não tem um dono”*(A.), ressalta uma das integrantes da coordenação. *“O clube de troca não é meu, não é teu, é de todos (...) tem uma bandeira que é maior para defender, que é o clube de troca.”*(L.)

O Troca-troca teve o ingresso de outra mulher na coordenação e deu continuidade às atividades. Até hoje ocorreram vinte e quatro feiras. Aproximadamente trinta pessoas são permanentes e em torno de 20 são visitantes a cada encontro. Houve um período em que as feiras foram quinzenais; atualmente, voltaram a ser mensais. O momento atual é de falta de recursos. O grupo depende do novo padre da Igreja para autorizar a continuidade da utilização do salão paroquial onde se realizam as feiras. Além disto, foi retirado o apoio técnico e material que recebiam do poder público. O grupo coordenador entende que o Troca-troca só não acabou porque elas são pessoas ágeis e articuladas. *“Tem que pedir a benção para tudo(...) Se fossem outros, já teriam desistido.”*(Lu.)

Repensando a caminhada e desenhando os desafios futuros

Apesar das dificuldades, nas avaliações em conjunto, o sentimento dos participantes é de satisfação com os resultados e com a caminhada.

A convivência no grupo e os laços sociais parecem ser o aspecto mais significativo. As pessoas se conheceram melhor e conseguiram estabelecer uma relação mais pessoal entre vendedor e comprador. *“Muitas pessoas sentem falta. É um espaço onde há possibilidade de crescer um monte, sempre há uma esperança, uma perspectiva. A amizade conta muito. Tem gente que fica em casa e vai na feira, e diz: - Vim aqui só para ver vocês.”* (C.)

A valorização pessoal e o empreendedorismo individual e coletivo é outro fator relevante. Cada pessoa e suas habilidades foram valorizadas no grupo. A dinâmica “reinventar o mercado” possibilitou às pessoas vislumbrarem novas oportunidades para produtos e serviços que eles sabiam oferecer, mas não tinham idéia de que isso poderia ter uma demanda, ou quer dizer, “um mercado”.

A participação do poder público também foi fundamental, em especial, o papel que a METROPLAN desempenhou desde o início. Hoje a perda do apoio está sendo vivida como algo muito

negativo. O apoio técnico, não apenas oportunizou a formação do grupo, mas incentivou o grupo a criar, tomar decisões e ser protagonista graças à postura democrática e participativa que os agentes assumiram durante todo o processo. *“Não conheci nenhum programa melhor do que este porque pega bem quem está embaixo e a pessoa se motiva. E também porque é a gente que decidiu qual era o nome da moeda, onde ia ser... É muita decisão que a gente toma.”* (Lu.), analisa um das coordenadoras.

O apoio material também foi importante. *“Tínhamos o apoio do Governo e agora não temos mais. Hoje faltam materiais básicos como papel, caneta, envelopes, as cartilhas, a própria moeda. O transporte também, uma vez por mês íamos à CEASA e trazíamos verduras para o troca-troca, pois sempre faltam porque não tem local para horta no Guajuviras.”* (L.)

O acesso a produtos e serviços, apesar de não ser o ponto mais significativo da experiência, visto que a feira tem periodicidade mensal e interfere parcialmente na renda familiar, é importante na vida de muitos moradores e sua viabilidade econômica é um objetivo a ser perseguido. *“Algumas pessoas não têm o ‘real’ para cortar o cabelo e esperam o clube de troca para cortar.”* (A.) Para melhorar a viabilidade econômica, existem problemas que são característicos de contextos de baixa renda e que tornam necessárias, segundo Barth (2002), algumas medidas, tais como: identificar os produtos com maior demanda do que oferta (por exemplo, o pão caseiro), buscar alternativas de produção conjunta (unir-se para produzir mais e melhor) e buscar permanentes capacitações porque o grau de instrução é muito variado e as habilidades requeridas são complexas. Além disto, em geral, faltam insumos para a produção, o que pode ser buscado através da negociação com o comércio local, da oferta de serviço para ajudar na produção com outros ou inúmeras alternativas e arranjos com contam com a criatividade e capacidade de articulação.

Além do acesso direto aos produtos e serviços, o Troca-troca cria uma aproximação entre consumidores e produtores que agiliza o fluxo econômico e cria alternativas de trabalho e renda fora das feiras, realizados com a moeda oficial. *“Eu era manicure, mas estava dentro de casa, sem trabalho. Me tiraram de casa e hoje, além de eu trocar no Troca-troca, as pessoas vão na minha casa para fazer as unhas.”*(L.), relata uma das participantes do Troca-troca.

Por fim, a formação de novas lideranças mostra-se crucial. O grupo coordenador está sobrecarregado, pois vem ampliando sua participação em inúmeros fóruns. Afirmam que as pessoas têm receio em assumir a coordenação por acharem que é tarefa muito difícil. Pode ser observada uma resistência à passagem do poder, dificuldade comum em processos de gestão, aliada a situações concretas

da falta de recursos e de insegurança com relação ao desafio da gestão participativa ser desempenhada por pessoas sem as habilidades requeridas.

“A gente já pegou uma maneira de coordenar. A nossa coordenação não precisa mudar e o nosso medo é que venham pessoas que não consigam se curvar um ao outro. A gente tem que engolir muito sapo para trabalhar junto. É um trabalho pioneiro e não somos irresponsáveis de passar sem saber para quem.” (L.)

Torna-se necessário que o grupo supere estas barreiras e consiga promover capacitações dentro da própria comunidade para formar novas lideranças. A atitude tomada recentemente para este fim foi o envio de projetos pela Comissão de Emprego para a captação de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Os projetos possibilitarão às mulheres inserirem-se como formadoras em dois campos:

-na produção cooperativada de biscoitos, doces e outros alimentos, com vistas à formação de novos grupos de produção que abasteçam o clube de troca;

-no processo de gestão do clube de troca: *“A melhor coisa é quando a gente sai para fazer oficina. Temos que nos registrar como oficinairas e ganhar como oficinairas. (...)Na oficina tu ensina o que tu aprende, não vai passar uma imagem falsa.”(C.)*

Pretendem também, com o recurso, conseguir um local próprio onde possam fazer as oficinas e as feiras. Para além das dificuldades, percebe-se que existe a capacidade de verem-se como sujeitos ativos e de olharem para o futuro como algo que pode ser transformado. A aprendizagem de que é possível lutar, ter esperança e projetar o futuro é condição imprescindível para a crescente qualificação dos resultados.

Múltiplos capitais na construção de um desenvolvimento justo e solidário

Economicamente, o clube de troca apenas complementa a renda familiar, mas ele possui um atributo de inestimável valor: a capacidade de, simultaneamente, acionar outros tipos de capitais necessários à materialização de uma concepção de desenvolvimento integrado e integrador em contexto de pobreza. O fator econômico, apesar de fundamental, não é o único determinante do desenvolvimento. O desenvolvimento tem muitas dimensões: econômica, social, cultural, ambiental, físico-territorial, político-institucional e científico-tecnológica, as quais são interconectadas e influenciam-se mutuamente. Investir em alternativas econômicas suscita também o investimento em outros tipos de capitais.

O quadro abaixo explicita este processo de forma bastante sintética, mapeando elementos que poderão ser posteriormente analisados em profundidade⁷. Na primeira e segunda colunas, respectivamente, são citados e conceituados os diferentes capitais a serem ativados. Na terceira coluna são identificados os processos ou elementos contidos na metodologia do clube de troca com moeda social que podem acionar o *empowerment* dos diferentes tipos de capitais. Na quarta, são demonstradas as capacidades e habilidades que as pessoas envolvidas na experiência do Guajuviras demonstraram ter desenvolvido a partir de resultados concretos de suas atividades.

Tipo de capital	Indicadores⁸	Processo indutor de <i>empowerment</i> de capitais no clube de troca	Capacidades e habilidades desenvolvidas pelos integrantes do clube de troca⁹
Econômico	Controle e gestão dos recursos produtivos e dos resultados do seu próprio trabalho (acesso a crédito, acesso aos mercados, direito ao trabalho, constituição de empresas ou cooperativas).	-Processo individual ou coletivo de produção ou oferta de serviço ou saber. -Comercialização nas feiras. -Emissão e gestão da moeda social. -Criação do clube de troca, manutenção e operação de suas atividades econômicas.	-Capacidade gestora e empreendedorismo econômico. -Satisfação de necessidades materiais de mulheres e homens que estavam desempregados, estendendo a suas famílias (aumento do consumo). -Aumento da qualidade e diversificação dos produtos e serviços oferecidos e consumidos. -Fortalecimento das cooperativas da comunidade e criação de novos grupos de produção.
Social	União das pessoas e da comunidade sob a forma de redes e teias cooperativadas de trocas de bens, serviços, idéias, favores, gestos de desprendimento e de partilha.	-Gestão participativa: necessidade de convivência e de ajuda mútua para levar adiante o processo coletivo de constituição do clube e realização das feiras. -Exercício de relações solidárias através da aprendizagem de trocas que não visam o lucro.	-Fortalecimento dos laços sociais entre os integrantes pela convivência no grupo. -As pessoas se conheceram melhor e conseguiram estabelecer uma relação mais pessoal entre quem vende e quem compra. -Houve o ingresso de novas pessoas no grupo. -Processos de mútua ajuda e troca de favores, como: ensinar receitas e cuidar das crianças.

⁷ O Troca-troca insere-se no campo empírico de nossa investigação de doutorado em Sociologia pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

⁸ Os indicadores foram sistematizados a partir de contribuições de Franco (1999) e Froes (2002).

⁹ Dados levantados através de observação da evolução do clube de troca, de participação direta e indireta e de entrevistas individuais e coletivas.

Político	Significa organizar-se melhor em busca de oportunidades e facilidades.	-Gestão participativa: necessidade de troca de funções, exercício de liderança democrática.	-Enfrentamento de disputas políticas internas. -Houve divisão do grupo e ambos convivem na comunidade, compartilhando espaços de discussão e conseguindo superar as diferenças e convergir para outras causas comuns. -Inserção crescente (quantitativa e qualitativa) de integrantes do clube de troca em outras instâncias e fóruns de discussão de políticas, como da economia solidária, da saúde e etc. -Ampliação da capacidade de pressão política frente à prefeitura e outras organizações.
Humano	Passa pela escolaridade formal, cursos técnicos, experiência profissional, saúde física e mental e auto-estima. Para Franco (1999), é a capacidade das pessoas de fazer coisas novas, exercitando a sua imaginação criadora - o seu desejo - e se mobilizando para adquirir conhecimentos e habilidades para sua materialização. É o empreendedorismo.	-Necessidade de capacitações profissionais ou atualizações. -Quebra de paradigma pela emissão de uma moeda social que não visa o lucro nem pode ser acumulada, visando a satisfação das necessidades de todos do que o ganho de um sobre o outro.	-Capacidade criadora e exercício de autonomia de levar o clube com êxito. -Muitos retomaram os estudos. Os integrantes hoje são multiplicadores e formam agentes de outras comunidades para a implantação de novos clubes de trocas. -Exercício de habilidades comunicacionais e relacionais através da participação dos integrantes em programas de televisão, reportagens em jornal, visitas de professores e estudantes universitários, projetos de extensão universitária e participação em eventos e fóruns acadêmicos e da política pública. -Realização de momentos artísticos que estimularam a sensibilidade e o compartilhar de sentimentos.

Considerações Finais

A troca não é algo novo, mas foi esquecida. O novo é fazer a troca de forma organizada, regular e com variedade. O clube de troca com moeda social é um instrumento capaz de acionar as capacidades produtivas de indivíduos e grupos que estão impedidos de exercê-las, pela falta de acesso ao emprego e à

moeda formais através da troca de produtos, serviços e saberes. Não é uma solução para o grande problema da falta de emprego e de desigualdades salariais existentes no país, mas é um caminho para complementar a renda familiar e melhorar a qualidade de vida.

Seu mérito, assim como do conjunto de experiências que integram o campo da economia solidária, é que o efeito não se restringe ao capital econômico. A atividade econômica é simultaneamente exercício de cidadania, de participação e de construção de laços sociais. Além disto, o clube de troca consegue atingir grupos em situação de pobreza e exclusão social porque é implantada diretamente no contexto local e porque utiliza metodologia participativa e técnicas acessíveis e abertas a diferentes necessidades de adaptação.

O Troca-troca apresenta, potencialmente, grande capacidade de expansão no bairro Guajuviras. A retirada do apoio do poder público mostrou ser o principal fator limitador do crescimento da experiência, que ainda demonstra a necessidade de apoio técnico e material para construir alguns alicerces necessários à consolidação de um clube de troca, tais como: a produção coletiva, a formação de rede, acesso a insumos, capacitação de lideranças, entre outros.

O grupo coordenador tem projetos para o futuro, esperam ampliar e conseguir novas parcerias. Estão mobilizadas em vários espaços e aprenderam a lutar e empreender. Não dar o peixe, mas ensinar a pescar, mais do que um antigo jargão, é uma lição que se expressa nas trajetórias individuais e coletivas construídas no bairro Guajuviras. Não dar o peixe, mas ensinar a pescar e a trocar, é a lição que estas mulheres desejam tanto compartilhar para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Bibliografia

ARKEL, Henk van. *Onde está o dinheiro? Pistas para a construção do Movimento Monetário Mosaico*. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2002.

BARTH, Jutta. *A moeda social: um instrumento para fortalecer as relações solidárias e estimular o fluxo econômico local em regiões urbanas de baixa renda*. Artigo da Website, 2002.

BARTH, Jutta e BROSE, Markus. *Participação e desenvolvimento local: balanço de uma década de cooperação alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

COSTA, Dídac Sanchez. *Como criar uma rede de trocas*. Rede 13 Luas de São Paulo. São Paulo: Ambiental, 2003.

CATTANI, Antonio David (org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

DEMO, Pedro. *Pobreza da pobreza*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FRANCO, Augusto de (org.). *Desenvolvimento local integrado e sustentável*. Leituras Seleccionadas. Volume1, 1999.

MANCE, Euclides (org.). *Como organizar redes solidárias*. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, IFiL, 2003.

NETO, Francisco de Melo e FROES, César. *Empreendedorismo social – a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

_____. *Capital social e desenvolvimento - O desenvolvimento local e o mito do papel determinante da economia*. Paper para o Seminário “Os Distritos Industriais e o Modelo de Desenvolvimento da Terceira Itália em Questão: Perspectivas para os Programas Xingó e Zona da Mata do Nordeste”, Maceió, 2001.

REDLASES. *Como organizar uma rede de trocas solidárias*. Programa de Alfabetização Econômica, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SINGER, Paul e SOUZA, André. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.